



## PELAS TRILHAS DA EDUCAÇÃO ANARQUISTA: UM BALANÇO PANORÂMICO DAS PESQUISAS NO BRASIL

Rodrigo Rosa da Silva  
Universidade Estadual do Paraná, Campus Apucarana, Brasil  
[rodrigo.rosa@unespar.edu.br](mailto:rodrigo.rosa@unespar.edu.br)

### RESUMO

O presente artigo pretende apresentar um levantamento parcial da produção acadêmica sobre educação anarquista no Brasil desde o final da década de 1970 e propor um balanço crítico sobre as pesquisas e suas abordagens teóricas e metodológicas. Dos primeiros estudos marxistas vinculados à história da classe operária até a profusão de recentes trabalhos sobre o pensamento e a prática anarquista em educação no Brasil, analisamos o percurso trilhado pelas/os pesquisadoras e percebemos a consolidação dos estudos em história da educação anarquista. Apresenta ainda resultados parciais do Projeto de Pesquisa e Extensão “A Escola Moderna no Brasil (1900-1930): Anarquismo, Sindicalismo e Racionalismo Pedagógico” vinculado à Universidade Estadual do Paraná – Campus Apucarana. Identificados, por fim, alguns fatores que contribuíram para o atual cenário: o esforço de pesquisadoras/es e militantes na produção de estudos sobre o tema; a ampliação do acesso a novas fontes documentais possíveis pela digitalização de parte do acervo de hemerotecas e arquivos estatais e militantes; o aumento de espaço nas universidades para que professoras/es orientem e pesquisadores dediquem-se ao tema; e a ação de grupos autônomos e coletivos anarquistas na realização de projetos educativos libertários, na produção de eventos, publicações e conteúdos sobre educação anarquista.

**Palavras-chave:** História da Educação. Anarquismo. Movimento Operário.

## POR LOS SENDEROS DE LA EDUCACIÓN ANARQUISTA: UN BALANCE PANORÂMICO DE LA INVESTIGACIÓN EN BRASIL

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar un recorrido parcial de la producción académica sobre educación anarquista en Brasil desde finales de la década de 1970 y proponer una evaluación crítica de la investigación y sus enfoques teóricos y metodológicos. Desde los primeros estudios marxistas vinculados a la historia de la clase obrera hasta la profusión de trabajos recientes sobre el pensamiento y la práctica anarquista en la educación en Brasil, analizamos el camino recorrido por los investigadores y percibimos la consolidación de los estudios en la historia de la educación anarquista. Presenta también resultados parciales del Proyecto de Investigación y Extensión “La Escuela Moderna en Brasil (1900-1930): Anarquismo, Sindicalismo y Racionalismo Pedagógico” vinculado a la Universidad Estadual de Paraná – Campus Apucarana. Finalmente, se identificaron algunos factores que contribuyeron al escenario actual: el esfuerzo de investigadores y activistas en la producción de estudios sobre el tema; la ampliación del acceso a nuevas fuentes documentales posible mediante la digitalización de parte de los archivos estatales y militantes; el aumento de espacio en las universidades para que profesores orienten e investigadores se dediquen al tema; y la acción de los grupos autônomos y colectivos anarquistas en la realización de proyectos educativos libertarios, en la producción de eventos, publicaciones y contenidos sobre educación anarquista.



**Palabras clave:** Historia de la Educación. Anarquismo. Movimiento obrero.

## **THROUGH THE TRAILS OF ANARCHIST EDUCATION: A PANORAMIC BALANCE OF RESEARCH IN BRAZIL**

### **ABSTRACT**

The present article intends to present a partial survey of the academic production on anarchist education in Brazil since the end of the 1970s and to propose a critical balance on the research and its theoretical and methodological approaches. From the first Marxist studies linked to the history of the working class to the profusion of recent works on anarchist thought and practice in education in Brazil, we analyze the path taken by researchers and perceive the consolidation of studies in the history of anarchist education. It also presents partial results of the Research and Extension Project “The Modern School in Brazil (1900-1930): Anarchism, Unionism and Pedagogical Rationalism” linked to the State University of Paraná – Campus Apucarana. Finally, some factors that contributed to the current scenario were identified: the effort of researchers and activists in the production of studies on the subject; the expansion of access to new documentary sources possible by digitizing part of the collection of state and militant newspaper libraries and archives; the increase of space in universities for professors to guide and researchers to dedicate themselves to the theme; and the action of autonomous groups and anarchist collectives in carrying out libertarian educational projects, in the production of events, publications and content on anarchist education.

**Keywords:** History of Education. Anarchism. Workers Movement.

## **SUR LES PISTES DE L'ÉDUCATION ANARCHISTE : UN BILAN PANORAMIQUE DE LA RECHERCHE AU BRÉSIL**

### **RÉSUMÉ**

Cet article entend présenter un aperçu partiel de la production académique sur l'éducation anarchiste au Brésil depuis la fin des années 1970 et proposer une évaluation critique de la recherche et de ses approches théoriques et méthodologiques. Des premières études marxistes liées à l'histoire de la classe ouvrière à la profusion de travaux récents sur la pensée et la pratique anarchistes en éducation au Brésil, nous analysons le chemin parcouru par les chercheurs et percevons la consolidation des études en histoire de l'éducation anarchiste. Il présente également les résultats partiels du projet de recherche et de vulgarisation « L'école moderne au Brésil (1900-1930) : anarchisme, syndicalisme et rationalisme pédagogique » lié à l'Université d'État du Paraná – Campus Apucarana. Enfin, certains facteurs qui ont contribué au scénario actuel ont été identifiés : l'effort des chercheurs et des militants dans la production d'études sur le sujet ; l'élargissement de l'accès à de nouvelles sources documentaires possible par la numérisation d'une partie des archives et des archives étatiques et militantes ; l'augmentation de l'espace dans les universités pour que les professeurs guident et que les chercheurs se consacrent au thème; et l'action des groupes autonomes et des collectifs anarchistes dans la réalisation de projets éducatifs libertaires, dans la production d'événements, de publications et de contenus sur l'éducation anarchiste.

**Mots-clés:** Histoire de l'éducation. Anarchisme. Mouvement ouvrier.



*Tudo passa e tudo fica  
porém o nosso é passar,  
passar fazendo caminhos  
caminhos sobre o mar*

Cantares, Antonio Machado

## PREPARAR A CAMINHADA...

Pesquisar sobre a educação anarquista assemelha-se a trilhar um caminho estreito, tortuoso e indefinido. Sabemos o ponto de partida, mas não o ponto de chegada. Não é possível antever o trajeto, já que, em geral, nos defrontamos com obstáculos mais ou menos intransponíveis. É assim como nos arriscamos em meio à Natureza, quando trilhamos um caminho não explorado ou pouco acessado, enfrentamos as agruras, mas tal ousadia pode reservar muitos prazeres. Qual não é a alegria de um caminhante ao alcançar o pico de uma montanha ou refestelar-se em uma cachoeira ou praia praticamente desertas? Os esforços humanos, mobilizando corpo e mente para seguir andando com os pés no chão e, como diz o poeta Antonio Machado, “se faz caminho ao andar”, é repisado por cada candidato a caminhante. Algum grau de apoio pode tornar a empreitada mais simples e possibilitar a continuidade da exploração, dando chance para o surgimento de múltiplas sendas sob outros pés e, quem sabe, até a descoberta de novos tesouros ao final da jornada.

Tal como uma placa indicativa de possíveis direções ou sinalizações de perigos iminentes, esse artigo pretende descrever uma visão panorâmica sobre as trilhas percorridas até a atualidade nas pesquisas acadêmicas e militantes sobre as práticas anarquistas em educação no Brasil. Trata-se de uma atualização e ampliação de trabalho realizado em pesquisa de doutorado (SILVA, 2013) e apresenta alguns frutos do Projeto de Pesquisa e Extensão “A Escola Moderna no Brasil (1900-1930): Anarquismo, Sindicalismo e Racionalismo Pedagógico” e do Grupo de Estudos “A Escola Moderna no Brasil (1890-1930)”, desenvolvidos na Universidade Estadual do Paraná (Unespar-Campus Apucarana) desde abril de 2021, que têm como objetivo identificar as/os principais educadores e militantes e as escolas libertárias fundadas no Brasil durante as primeiras décadas do século XX, marcadamente influenciadas pela Escola Moderna de Barcelona (1901-1906) e pelas propostas educativas de seu idealizador, o catalão Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Francisco Ferrer y Guardia nasceu em Alella (Espanha), em 10 de janeiro de 1859. Já muito cedo tornou-se anticlerical, opondo-se à sua família, e aderindo à maçonaria. Trabalhou numa estrada de ferro, onde filiou-se à



A classe trabalhadora colocou em prática diversas experiências pedagógicas entre o final do século XIX e início do século XX em várias partes do mundo. Dentre os exemplos mais destacados vinculados à perspectiva libertária estão: o Orfanato de Cempuis (1880-1894) na França, coordenado por Paul Robin (1831-1912), um anarquista ligado à Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) e um dos principais teóricos da pedagogia libertária; a Comuna *La Ruche* (A Colmeia) de Sébastien Faure (1858-1942), que funcionou entre os anos 1904 e 1917 em Rambouillet (França); e a Escola Moderna de Barcelona (1901-1906) proposta pelo anarquista Francisco Ferrer y Guardia. A base da proposta de Ferrer era o Racionalismo Pedagógico, uma visão científica do conhecimento, contraposta à igreja e seu método confessional baseado na fé e à escola laica republicana, defensora do patriotismo e do conservadorismo político. O educador catalão acreditava que a experiência e a observação dos fenômenos naturais e sociais possibilitariam à criança construir um conhecimento livre de preconceitos e mistificações. Somente desenvolvendo livremente suas faculdades mentais é que os indivíduos poderiam criar suas próprias convicções e buscar a emancipação das instituições e visões de mundo que limitavam seu pleno desenvolvimento. Para atingir seu intento, Francisco Ferrer propôs novos métodos de ensino, coordenou a produção de materiais didáticos próprios e estabeleceu relações mais horizontais, implementando a coeducação de sexos, a coeducação de classes sociais e a abolição de prêmios e castigos na escola. Tal método se difundiu por vários países do mundo, chegando inclusive ao Brasil, em especial entre os trabalhadores anarquistas nas décadas de 1910 e 1920.

É possível acessar essa influência a partir de fontes documentais como jornais da imprensa comercial e operária, brochuras e folhetos do início do século XX, bem como documentos estatais e pessoais de arquivos históricos militantes e governamentais. Notamos a forte influência de Ferrer no desenvolvimento das escolas anarquistas no Brasil, bem como a promoção de práticas pedagógicas mais sistemáticas e com princípios claros, partindo da leitura

---

ala revolucionária do Partido Republicano Progressista sob forte influência de Ruiz Zorilla., apoiou movimento pela proclamação da República em 1886 e, por conta disso, teve de exilar-se na França. Em Paris, estabeleceu contato com o movimento operário revolucionário e muitos livre-pensadores e militantes libertários que o aproximaram das ideias anarquistas. Em meados da década de 1890, conheceu pensadores que o inspiraram, como Paul Robin, Sébastien Faure e Élisée Réclus. Tomou contato também, pela primeira vez, com o ensino fora do âmbito confessional e religioso. Trabalhou como professor de espanhol. Em setembro de 1901, de volta à Espanha, fundou a Escola Moderna em Barcelona, contando com 30 alunos, sendo 12 meninas e 18 meninos. Dedicou-se à escola até 1906, quando foi fechada e Ferrer preso, acusado de envolvimento num atentado para assassinar o rei da Espanha. Acabou absolvido e fugiu do país, voltando posteriormente por motivos pessoais. Uma onda de greves e agitações populares, com ataques à igrejas e motim de militares, ocorreram em julho de 1909, em oposição à guerra contra Marrocos, evento conhecido como a Semana Trágica. Ferrer acabou preso e acusado de ser o instigador da revolta. Foi julgado e condenado sumariamente à morte por um tribunal militar, com apoio do governo e da igreja. No dia 13 de outubro de 1909, Ferrer foi assassinado à tiros de fuzil no castelo de Montjuich em Barcelona. (Ver SILVA, 2013 e SANTOS, 2014).



dos clássicos da pedagogia libertária, mas ganhando corpo teórico com a consolidação do racionalismo pedagógico. A fundação das Escolas Modernas no Brasil não significa uma ruptura em relação ao que trabalhadores realizavam até então, mas, ao contrário, é uma continuidade consciente da ação e dos princípios anarquistas e sindicalistas definidos nos congressos operários de 1906 e 1913 (RODRIGUES, 1979), mas acrescida das contribuições teóricas e práticas que chegavam de Barcelona. Muitas escolas operárias, centros de estudos, bibliotecas e ateneus surgiram em várias regiões do país, como se pode notar no levantamento de Edgar Rodrigues (1979).

O desafio das pesquisas históricas repousa, em grande parte, na tentativa de compreender a recepção e circulação das ideias, em identificar escolas e sujeitos vinculados a tais propostas e apresentar suas biografias e relatos sobre suas práticas educativas e atuação política e sindical. Esses são alguns dos objetivos por nós também perseguidos. Instigantes resultados surgiram durante os encontros do Grupo de Estudos "Escola Moderna no Brasil", realizados em 2021, com presença de estudantes, professores, educadores populares e membros de movimentos sociais, em que foram elencados, estudados e debatidos artigos científicos, dissertações e teses acadêmicas que suscitaram a necessidade de uma concentração e dedicação profundas na busca de fontes e análise de documentos (periódicos, fotos, folhetos, etc.) referentes às Escolas Modernas no Brasil, com destaque para as experiências de São Paulo, Sorocaba, Votorantim, Bauru, Cândido Rodrigues, Porto Alegre, Fortaleza, Belém e Curitiba. Mas só chegamos nesse ponto da trilha pois ela foi descoberta e trilhada por gerações passadas de pesquisadores, há mais de 40 anos.

## **PRIMEIROS PASSOS...**

O professor Pere Solà (1978a; 1978b) foi o principal responsável por resgatar do limbo da história da Espanha o nome do educador e anarquista Francisco Ferrer y Guardia, considerado maldito e inimigo do *status quo*. Esse movimento teve efeitos imediatos nas pesquisas em ciências da educação em várias partes do mundo. No Brasil, a produção acadêmica sobre educação anarquista deu seus primeiros passos também no final da década de 1970: o trabalho inaugural foi um artigo de Maurício Tragtenberg (1978) intitulado *Francisco Ferrer e a Pedagogia Libertária*, publicado na revista *Educação e Sociedade*. Tragtenberg foi professor universitário e durante sua infância viveu em uma comunidade agrícola de orientação libertária no sul do país, chamada Erebangó, e teve contato com diversos materiais (livros, jornais, etc.) e militantes anarquistas (destaque para o ucraniano Elias Ilchenko). Além disso,



manteve intensa atuação política, próxima aos ideais libertários, inclusive tendo frequentado o Centro de Cultura Social de São Paulo (ACCIOLY e SILVA; MARRACH, 2001). No texto, Tragtenberg traçou uma biografia de Ferrer, idealizador da Escola Moderna de Barcelona, estabelecendo interessantes relações com o contexto sociopolítico espanhol de fins do século XIX, e sistematizou suas principais ideias e linhas de atuação, baseando-se principalmente no livro póstumo do próprio pedagogo catalão, na época reeditado em espanhol e só lançado em português mais de 40 anos depois (FERRER Y GUARDIA, 2014) e nas reflexões da anarquista Maria Lacerda de Moura, autora de *Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica* (MOURA, 1934; 2021).

Outra referência primordial foi o ensaio biográfico escrito por Mirian L. M. Leite (1979) sobre a anarquista e professora Maria Lacerda de Moura (1887-1945), abordando aspectos pessoais e literários. Nele, há referências ao pensamento pedagógico de Maria Lacerda, bem como uma reflexão sobre suas obras que tratam do tema. Não podemos deixar de citar o hercúleo trabalho de pesquisa social de Edgar Rodrigues (1979; 1988; 1992), que dedicou parte de sua vida à preservação da memória anarquista e é referência essencial para todo iniciante na investigação histórica sobre anarquismo no Brasil.

Após esses trabalhos fundadores, vários estudos sobre a educação libertária e as escolas anarquistas no Brasil foram desenvolvidos. Alguns foram inovadores enquanto outros atingiram resultados mais tímidos, seja pela dificuldade de acesso às novas fontes históricas, seja por incompreensão dos princípios e práticas anarquistas, de suas propostas educacionais e das relações entre discursos, táticas e estratégias de seus militantes, que trazem, em si mesmas, uma enorme complexidade, dificilmente redutível a fórmulas prontas ou simplificações grosseiras. Uma revisão bibliográfica sobre o tema aponta algumas dezenas de pesquisas, abrangendo desde trabalhos de conclusão de curso ou resultados de iniciações científicas até dissertações de mestrado e teses de doutoramento em diversas universidades do país.

As pesquisas desenvolvidas em meados dos anos 1980, resultaram do interesse crescente que surgia por parte de historiadores e sociólogos em compreender a organização dos trabalhadores de orientação anarquista, visando buscar uma explicação e, quem sabe, um mito de origem, para os movimentos grevistas que estouraram na região do ABC paulista nos últimos anos da década de 1970. Concomitantemente, constitui-se na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) o Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), adquirido pela instituição, diretamente da família do conhecido militante anarquista e colocado à disposição do público geral e dos pesquisadores. O acervo principal é formado por centenas de jornais operários, a



maioria de orientação libertária, que abrangem o período de 1890 a 1970. Há também opúsculos e livros raros, bem como documentos de organizações operárias e grupos anarquistas.

Desse período são representativos os estudos de Flávio Luizetto (1987) e Paulo Ghiraldelli Jr. (1987). O primeiro aborda as experiências literárias e educacionais anarquistas, ancorado em fontes documentais importantes, muitas conseguidas com familiares de militantes anarquistas. Em seu livro, apresenta um breve histórico das ideias educacionais dos libertários, diferenciando duas fases: a primeira caracterizada pela crítica ao sistema educacional tradicional e proposição da instrução integral, representada pelos clássicos da teoria política anarquista como Pierre-Joseph Proudhon (1809-1965) e Mikhail Bakunin (1814-1876); e a segunda fase apontando para uma maior centralidade no tema da educação e tentativas de formulações e sistematizações teóricas voltadas para a prática educacional, representada por Paul Robin (1837-1912), Élisée Reclus (1830-1905) e Piotr Kropotkin (1842-1921).

Como bem apontou Paulo Ghiraldelli Jr. em seu estudo, “socialistas, libertários e comunistas procuraram, diante dos problemas pedagógicos e educacionais (...) soluções distintas entre si” (GHIRALDELLI JR., 1987, p. 158). Os socialistas no Brasil, na virada do século XIX para o XX, dedicaram-se a exigir do Estado o cumprimento de seus “deveres” para com a população em relação à instrução pública e gratuita para os trabalhadores. Com a fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1922, essas reivindicações por reformas educacionais pela via parlamentar se institucionalizaram. Por outro lado, os anarquistas tinham percepções diferentes e renunciavam ao reformismo. O autor é mais um dentre muitos adeptos da equivocada tese de que o anarquismo seria uma fase embrionária da classe trabalhadora e que somente com a hegemonia comunista o movimento operário adquiriu consistência. Mesmo reconhecendo superficialmente a importância das centenas de escolas anarquistas e do impulso teórico dado a partir da divulgação das obras de Paul Robin e Francisco Ferrer no Brasil, o autor acredita que o direcionamento do movimento sindical por anarquistas teria levado a um arrefecimento da luta pela extensão da escola pública gratuita e obrigatória. Porém, a incompreensão das propostas anarquistas e de seus princípios básicos – citando apenas dois: o antiestatismo e a ação direta – levou à produção de trabalhos bem fundamentados em fontes históricas, mas com conclusões carregadas de preconceitos e viés reformista. A mesma leitura produzida por marxistas na área da história e das ciências sociais acabou transplantado aos estudos da área da educação.

Os teóricos libertários costumam apresentar a educação de uma maneira complexa, como uma série de relações e atores que se mesclam a valores e visões de mundo diferentes. Os anarquistas tomam a educação em seus diversos âmbitos, ou seja, como uma relação social que



vai para além da escola e da família, afirmando que há muitos outros espaços formativos como a comunidade, o sindicato, as greves, a passeata, o centro de estudos, a biblioteca etc. Para que o operário conseguisse sua emancipação seria necessário criar uma educação livre das influências do estado, da igreja e da burguesia, desprezando, inclusive, a via parlamentar como meio de luta. Foi sob a orientação anarquista que as primeiras escolas para a classe trabalhadora surgiram. O anarquismo no Brasil encarou, neste período, a educação nos seus aspectos metodológicos e ideológicos mais a fundo que qualquer outra corrente política, implantando e disseminando diversas práticas no ambiente escolar e sindical que foram incorporadas pelo sistema educacional privado e estatal, avanços como a coeducação de sexos e classes sociais, respeito à criança, conhecimento crítico, autonomia do indivíduo, não-diretividade, formação integral (intelectual e profissional), reconhecimento e valorização da luta dos oprimidos e incentivo a espaços educativos informais e não-formais de educação (LIPIANSKY, 1999; MORYION, 1989, LENOIR, 2007; 2017).

Com a proposta de resgatar as concepções e as práticas da pedagogia formal anarquista destinada às crianças inseridas nas lutas operárias que se apresentavam à época, Regina C. M. Jomini (1990) realizou um trabalho com foco nas práticas educativas, amplamente apoiado em fontes documentais do início do século XX. A autora inovou ao aprofundar-se na relação entre a movimentação dos trabalhadores em sindicatos e a atuação nas escolas de orientação libertária. Jomini traçou um interessante panorama das escolas fundadas entre meados de 1900 e fins da década de 1910, destacando o pensamento de diferentes militantes envolvidos com a questão pedagógica, como João Penteado (1877-1965), Adelino de Pinho (1885-?) e Florentino de Carvalho (1883-1947), todos diretores de Escolas Modernas em São Paulo. Nesse mesmo caminho, Marinice Fortunato (1992) acabou aportando uma grande contribuição ao debate pois foi a primeira dedicar-se a ler as fontes com afinco e compilar das páginas da imprensa anarquista e anticlerical publicada em São Paulo, os esboços da constituição da Comissão Pró-Escola Moderna, iniciada pouco mais de um mês após o assassinato de Francisco Ferrer, com os objetivos de divulgar a pedagogia de Ferrer, fundar uma escola, abrir uma editora, formar professores racionalistas e apoiar o surgimento de outras escolas. Desse grupo participaram anarquistas como Oreste Ristori (1874-1943), Gigi Damiani (1876-1953), Neno Vasco (1878-1920) e Edgard Leuenroth (1881-1968), além de pessoas do bairro, partidárias da ideia de criação de uma escola laica. Comitês foram então constituídos em cidades como Rio de Janeiro, Sorocaba, Ribeirão Preto, Poços de Caldas, entre outras. Para Fortunato, a Escola Moderna não era apenas uma proposta pedagógica, mas parte de um projeto político mais amplo que caminhava para a construção de uma sociedade livre e justa para a classe trabalhadora.





Muitos trabalhos acadêmicos sobre educação anarquista foram escritos baseados em pesquisas sobre o movimento operário com o olhar do campo da história e nos estudos dos referidos autores sem, contudo, acrescentarem novos elementos para a compreensão do tema, seja na área da história ou da educação. No entanto, pesquisadoras/es propuseram diferentes e inovadoras abordagens teóricas e metodológicas tentando dialogar com a complexidade dos fenômenos sociais, bem como trazer à luz novas leituras das fontes documentais, rompendo com a teoria marxista e de fato mergulhando no pensamento anarquista para compreender a experiência social e subjetiva desses militantes, direcionando olhares para personagens e grupos até então ignorados ou esquecidos pela historiografia. Portanto, o tema da educação anarquista passa a ganhar certa independência dos estudos históricos que tratam da organização dos trabalhadores e, ao mesmo tempo, apresenta uma abrangência maior em termos de ferramentas metodológicas ao transpor os limites da pesquisa histórica, descritiva e de orientação marxista. É indispensável destacar três pessoas que constituem nossas maiores referências sobre a pedagogia libertária no Brasil e que aportam inegáveis contribuições ao tema desde meados da década de 1990, afirmando-se como fundantes de potentes leituras filosóficas, sociológicas e políticas da experiência cultural e social anarquista no campo da educação que atravessam décadas e mantêm seus pensamentos atuais e radicais: Lúcia Bruno (1983; 2002; 2009), Dóris Accioly e Silva (2009) e Silvio Gallo (1995a; 1995b; 2007). Estes foram pioneiras/os que desbravaram o chão praticamente intocado dos estudos sobre o tema. Sobre seus passos, caminhamos.

### **CONSOLIDANDO TRAJETOS...**

José Damiro de Moraes (1999), ao estudar as propostas e experiências educacionais anarquistas na Primeira República, lança nova luz sobre a produção historiográfica. Propõe uma divisão da trajetória educacional anarquista em três fases: a primeira (1895-1909) se traduziria nos primeiros esforços de fundação de centros de estudos, ateneus e escolas, caracterizadas por espontaneísmo e uma tática de fortalecer o movimento operário nascente através da alfabetização dos trabalhadores; a segunda fase (1909-1919) abrange o período em que ocorre o fuzilamento de Francisco Ferrer e posterior fundação das Escolas Modernas no Brasil, adotando a diretriz racionalista, que teve seu apogeu e queda nos anos 1910, concluindo com o fechamento das escolas em São Paulo em 1919, por parte do governo; e, finalmente, a terceira fase (1927-1937) que se caracteriza pela perda de influência dos anarquistas no campo sindical, mas, ao mesmo tempo, por uma tentativa de retomada de suas organizações após um período



intermediário (1919-1927), caracterizado por intensa repressão por parte do Estado e pela concorrência de outras correntes políticas que disputavam as organizações sindicais. Segundo o autor, as práticas educativas nos anos 1930, “ficaram limitadas aos centros de cultura e ateneus” ao mesmo tempo em que “o sonho de construir escolas, neste momento, deixa de existir, ficando restrito à preocupação de combater as influências da Igreja e do estado nas escolas públicas” (MORAES, 1999, p. 56-57). A grande novidade nesse caso é o apontamento da sobrevivência de práticas educacionais libertárias pós-1920, através de centros de cultura que tinham, como nas fases anteriores, uma declarada preocupação com a educação dos trabalhadores,

fora do seu local de trabalho, em conjunto com sua família, com a finalidade de criar um ambiente social para, além da propaganda libertária, fornecer uma educação informal sobre assuntos que estavam no contexto da época ou do interesse libertário. (MORAES, 1999, p. 57).

Ou seja, trata-se de uma mudança nas táticas anarquistas ligadas à educação, porém seguindo os mesmos princípios. Moraes se associa a outros pesquisadores que contestaram a tese de que o anarquismo teria perdido sua força política e social após a fundação do PCB em 1922 (SAMIS, 2002; AZEVEDO, 2002; PARRA, 2003; SILVA 2005, CALSAVARA, 2012, PARRA, 2017), demonstrando a influência anarquista na organização sindical na década de 1930 e a resistência à ditadura de Getúlio Vargas.

É interessante destacar a observação de Moraes sobre o marco estabelecido em 1909, após a morte de Ferrer, inaugurando um período de ação pedagógica libertária sob forte influência da Escola Moderna de Barcelona, fase esta considerada “mais rica, pois foi acompanhada de um arcabouço teórico e prático”, referindo-se ao racionalismo pedagógico, “que propunha uma didática e uma metodologia, auxiliado por uma vasta produção literária sobre a educação” (MORAES, 1999, p. 56). Assim, ocorre nesse período uma grande produção de textos, livros e artigos em periódicos sindicais e anticlericais divulgando o martírio de Ferrer e a obra educativa por ele promovida. A recepção, circulação e ressignificação da figura e do pensamento de Ferrer no Brasil podem ser constatados nos escritos de João Penteado (SANTOS, 2009; SILVA, 2022), Adelino de Pinho (AHAGON, 2015), Florentino de Carvalho (NASCIMENTO, 2002), Maria Antônia Soares e Maria Angelina Soares (LUDMILA *et al.*, 2021), Maria Lacerda de Moura (LESSA, 2020), Angelo Bandoni (BENEVIDES, 2018) e tantos outros como aqueles presentes na coletânea de textos, poemas e imagens editada pela Biblioteca Terra Livre (MOTA *et al.*, 2021; SILVA, 2021).



No meio do trajeto surge uma daquelas belas surpresas: um enorme *corpus* documental pertencente a João Penteadado, preservado por ele e seus familiares, doado ao Centro de Memória da Educação (CME/USP) por intermédio da pesquisadora Tatiana Calsavara, e que se encontra inventariado, descrito e analisado no livro *Educação Libertária no Brasil* (MORAES, 2013). Um grupo de investigadores, de posse do material, se dedicou a compreender o papel de Penteadado na Escola Moderna Nº 1 (1912-1919), bem como a continuidade do seu trabalho como diretor de outras instituições de ensino, que, mesmo mudando de nome, em 1920, para Escola Nova, e posteriormente para Escola de Comércio Saldanha Marinho, funcionou até 2002, anos após sua morte na década de 1960. Alguns trabalhos de pesquisadores ligados ao CME/USP abordam as rupturas e continuidades existentes entre a proposta ferreriana que defendida na década de 1910, e sua atuação em anos posteriores (FREGONI, 2007; CALSAVARA, 2004; SANTOS, 2009), sendo um deles um estudo sobre o uso do cinema de caráter educativo na Academia de Comércio Saldanha Marinho durante a era Vargas (RIGHI, 2011). Entretanto, da diversa produção apontada, vale destacar os trabalhos de Luciana Eliza dos Santos (2009) e Tatiana da Silva Calsavara (2004; 2012). Ambas pesquisadoras trabalharam com novas fontes buscando desvendar a trajetória de vida e pensamento de Penteadado. O acesso a documentos pessoais (cartas, manuscritos, recortes e livros) permitiu-as descobrir dados biográficos, leituras, questões familiares e afetivas. Os livros em sua biblioteca particular demonstram sua ligação com o anarquismo, pois há obras de Bakunin, Reclus, Grave, Faure, Tolstoi e, é claro, o livro de Ferrer e outros títulos sobre educação. Santos (2009) produziu uma extensa compilação de textos de Penteadado e analisou sua produção literária. Mais recentemente, traços biográficos inéditos de Penteadado e sua atuação docente em Jaú foram sistematizados em uma dissertação (BARBOSA, 2021). Mas tais paragens, apesar de deslumbrantes, não se mostraram suficientes aos caminhantes que chegavam ao marco inicial da trilha.

### **EXPLORANDO TERRENOS, EXERCITANDO OLHARES...**

Desde os anos 1990, pesquisadoras/es têm tentado construir outros olhares sobre a história do anarquismo e da educação anarquista no Brasil, buscando novas metodologias, teorias e abordagens para superar o desafio colocado. Uma tendência cada vez mais presente nos meios acadêmicos são os trabalhos biográficos ou centrados na vida de militantes que atuaram no movimento anarquista brasileiro e, eventualmente, possuem alguma relação com as discussões pedagógicas ou experiências educacionais. Podemos citar como exemplos Maria Lacerda de Moura (MAURANO, 2020; LESSA, 2020), Florentino de Carvalho



(NASCIMENTO, 2000), Oeste Ristori (ROMANI, 2002), Neno Vasco (SAMIS, 2018), José Oiticica (LAURIS JUNIOR, 2009), João Penteadó (PERES, 2012; SILVA, 2022) e Joan Puig Elías (GIACOMONI, 2016). Nesse caminho, surge em cena o nome de Adelino Tavares de Pinho, anarquista e diretor da Escola Moderna N° 2 de São Paulo, também objeto de investigação biográfica (AHAGON, 2015), e autor de textos pedagógicos reunidos em uma antologia da Biblioteca Terra Livre (PINHO, 2012), precedida apresentação (SILVA; AHAGON, 2012).

Outras abordagens levaram à compreensão da prática do autodidatismo para os anarquistas (VALVERDE, 1996) e pesquisadores passaram a investigar as práticas de educação não formal como parte da estratégia educacional anarquista. Percebeu-se que os centros de estudos e as bibliotecas eram empreendimentos de baixo custo, pois requeriam apenas uma sala, alguns móveis, uma pequena biblioteca e a vontade de um grupo de militantes, tornando-a de fácil concretização e de grande difusão nos meios libertários no Brasil. Um desses espaços, por exemplo, é o Centro de Cultura Social de São Paulo (CCS-SP), entidade fundada em 1933 por anarquistas remanescentes das lutas operárias do início do século XX, e que são instrumentos importantes de educação popular (GERALDO; 1998; PARRA, 2017).

No que diz respeito à educação de jovens e adultos, Milton Lopes (2006), membro do Núcleo de Pesquisa Marques da Costa, recontou a história da Universidade Popular de Ensino Livre, fundada na cidade do Rio de Janeiro em 1904. Seu artigo traça uma pequena biografia de cada participante do empreendimento, bem como orientação teórica e posicionamento dentro do movimento anarquista da época. Apresenta militantes, intelectuais, cientistas e simpatizantes, separando-os de acordo com seu grau de envolvimento no projeto, ofertando um texto analítico e fluído, sem perder a riqueza das complexas relações humanas e políticas. O que salta aos olhos é como a proposta educacional da Universidade envolveu tanto militantes anarquistas conhecidos e ativos na cidade do Rio de Janeiro, como personalidades que na época ou depois, se tornaram conhecidos nacionalmente como Rocha Pombo (1857-1933), Elysio de Carvalho (1880-1925), Curvelo de Mendonça (1870-1914), entre outros.

Uma iniciativa formal de educação, como uma escola, por outro lado, necessita de maiores aportes financeiros e trabalho coletivo para sua consecução e muitas delas surgiram, mesmo fora do eixo das grandes capitais do sul e sudeste do país, considerados polos econômicos e aglutinadores do movimento operário. A historiografia sobre as escolas anarquistas e as práticas não-formais de educação, bem como as propostas de periodização de tais fenômenos podem ser relativizadas e enriquecidas quando confrontadas com realidades regionais, que, muitas vezes, diferem das experiências ocorridas em São Paulo ou Rio de



Janeiro, quase sempre tomadas como foco da maioria dos estudos sobre o Brasil e passível de equivocadas generalizações. Mais recentemente notamos uma profusão de estudos regionais vinculados a diversos programas de pós-graduação pelo país e, ao mesmo tempo, um esforço de militantes, coletivos e editoras libertárias de reconstruir sua própria história e resgatar personagens e fatos ignorados pela academia.

Pesquisadoras/es da mais recente geração acrescentaram relevantes dados e interpretações sobre a educação anarquista em várias partes do Brasil. Apresentaremos uma amostra parcial dessa diversidade a título de ilustração. Na capital gaúcha também houve a fundação de escolas anarquistas durante a Primeira República, mas a sua trajetória apresenta um desenvolvimento próprio, reunindo empreendimentos que datam desde finais do século XIX, com a participação de antigos membros da Colônia Cecília e imigrantes de diversas nacionalidades como italianos, alemães, russos e poloneses. Em 1906, surgiu a Escola Racionalista Eliseu Reclus (POLETTO, 2020), batizada em homenagem ao geógrafo anarquista francês por sua enorme influência no movimento operário brasileiro (SILVA, 2010), que teve suas atividades interrompidas em 1908, retomando os trabalhos no ano seguinte numa nova sede. Mas o que merece destaque é a quantidade de escolas libertárias fundadas no Rio Grande do Sul nessa época. Desde a década de 1900, já existia a Escola Operária ligada à Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS), dentre outras em cidades como Pelotas e Rio Grande (VARGAS, 2011).

Um dos mais importantes militantes nesse contexto foi Polydoro Santos (1881-1924), linotipista e anarquista que atuou no movimento sindical portoalegrense desde 1906, ocupando cargos importantes na Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS). Foi um entusiasta do racionalismo pedagógico de Ferrer e através da Revista Liberal difundiu seu pensamento. Fundou e dirigiu, em 1915, a Escola Moderna em Porto Alegre, na rua Ramiro Barcelos, junto de Cecílio Villar (pseudônimo de Henrique Martins), Zenon de Almeida, Djalma Fetterman, Friedrich Kniestedt e a diretora e professora Dorvalina Martins Ribas (SCHNEIDER, 2022). A escola chegou a atender cerca de 400 estudantes até seu fechamento por volta de 1920, por falta de recursos financeiros, por ataques das correntes maximalistas / bolcheviques e por conta do surto de gripe espanhola que assolou a região (KNIESTEDT, 1989). Em 1923, reúne-se a Sociedade Pró-Ensino Racionalista que visava angariar fundos para a criação de uma nova escola e adquirir um prédio próprio, levando à reabertura da Escola Moderna em 1925.

Por meio desses exemplos podemos notar como a relação do governo com as escolas anarquistas variou de acordo com o contexto e as forças políticas que ocupavam o poder em cada região, ao mesmo tempo em que respondeu à própria dinâmica de organização e



mobilização dos trabalhadores. Em São Paulo, a Escola Moderna foi intensamente combatida pela igreja e acabou fechada por ordem do governo estadual em 1919, numa onda de repressão contra o movimento operário após a Greve de 1917 (LOPREATO, 2000; GODOY; MARCHEZIN; SILVA, 2017). Na cidade do Rio de Janeiro, a experiência educacional mais conhecida, a Universidade Popular, em 1904, sofreu infiltração policial (LOPES, 2005; OLIVEIRA, 2009). Porém, no Rio Grande do Sul, o processo deu-se de maneira diferente pois

a relação que o Estado, governado pelo Partido Republicano Riograndense, terá com as iniciativas dos trabalhadores será outra. Fortemente influenciado por princípios positivistas e buscando, na coerência ideológica, o apoio de setores urbanos para a sua legitimação no poder, o PRR adotará a 'liberdade de culto' como a tônica para a instrução popular no Estado e as iniciativas educacionais não serão afrontadas, ao menos não diretamente, pelas forças policiais do governo. (OLIVEIRA, 2009, p. 3).

Estudos sobre as escolas libertárias em diversas regiões do país vem surgindo recentemente e apontam para realidades políticas, sociais e econômicas específicas, identificando atores e ideias que se ressignificam de acordo com as possibilidades e necessidades locais. Tomemos alguns desses casos para ilustrar o atual cenário das pesquisas sobre o tema. Sorocaba, cidade industrial do interior de São Paulo, muito vinculada à presença da linha férrea e conhecida como a “Manchester Paulista”, foi cenário de grandes mobilizações operárias na década de 1910 (MARTINS, 2018) e de importantes experiências educativas anarquistas. A pesquisadora Naara Alencar (2020) recuperou a memória da Escola da Liga Operária de Sorocaba, a Escola Moderna de Santa Rosália, a Escola Moderna de Votorantim e a escola situada na Chácara de Vicente de Cária, através da sistematização de pesquisas anteriores (CAVALHEIRO, 2009; FERREIRA, 2009; SOUZA, 2016, TARDELLI FILHO, 2019), mas aportando novos dados sobre a atuação dos professores Joseph Joubert Rivier e Maria Angelina Soares, bem como do jornal *O Operário* e da Liga Operária de Sorocaba. Também no interior paulista podemos encontrar a Escola Moderna Francisco Ferrer em Cândido Rodrigues (1912), fundada pelo anarquista italiano Angelo Bandoni, conhecido pela alcunha de “o professor” nos meios operários, que foi o responsável por uma das primeiras escolas anarquistas no Brasil: a Escola Libertária Germinal (1903), no bairro do Bom Retiro (São Paulo). Apesar de importante defensor das ideias de Ferrer, Bandoni discordou de certos aspectos e propunha um método de ensino denominado *mnemológico-resolutivo*, sofrendo assim críticas de camaradas ligados à educação operária (BENEVIDES, 2018).



Novidades sobre educação operária surgiram também na região norte e nordeste do país. Em Fortaleza, Moacir Caminha, professor e anarquista cearense atuou e exerceu influência no movimento anarquista em nível nacional, foi o impulsionador da Escola Moderna do Ceará (1911), que oferecia o Curso “Francisco Ferrer” (OLIVEIRA, 2019). Na cidade de Belém fundou-se, em 1912, a Escola Livre Século XX, mantida pelo *Centro Humanitário Amor, Ciencia e Liberdade* e, no ano seguinte, a Escola 13 de Outubro, a cargo do Grupo Libertário Porvir (BRAGA, 2022). Alguns anos depois o poeta e operário gráfico paraense Bruno de Menezes (1894-1963), inspirado pela leitura de autores anarquistas, passou a se envolver com o sindicalismo e dedicou-se a ensinar primeiras letras na Escola Francisco Ferrer fundada pela Federação das Classes Trabalhadoras do Pará em 1919 (ROCHA, 1996; FIGUEIREDO, 2006). Atualmente, como parte do Projeto de Pesquisa e Extensão “A Escola Moderna no Brasil (1900-1930): Anarquismo, Sindicalismo e Racionalismo Pedagógico” desenvolvemos investigações já em fase avançada sobre a Escola Moderna No. 3 (São Caetano do Sul, 1918), a Escola Social da Liga Operária (Campinas, 1907) e a proposta *sui generis* da Escola Moderna (Curitiba, 1907/1910), impulsionada pelo intelectual Dario Vellozo (1869-1937). Visamos ainda ampliar o escopo geográfico e temporal de nossa pesquisa em futuro próximo.

Paralelamente à ampliação da base regional dos estudos também é possível verificar nos últimos anos novas abordagens que visam tratar de questões étnicas e raciais dentro na história do movimento anarquista e da presença feminina na luta pela emancipação sexual, intelectual e econômica da mulher operária (RIBAS, 2015; CERRUTI, 2019; MENDES, 2021). Surgiram nos últimos anos pesquisas sobre anticlericalismo (RUDY, 2020) e estudos comparados em educação, abarcando uma perspectiva internacional e transnacional da circulação de ideias pedagógicas (LEUTPRECHT, 2019; OLIVEIRA, 2021), que inspiram ricas possibilidades interpretativas. Ainda no campo de pesquisa da pedagogia libertária, também é possível traçar olhares sobre as atuais experiências ou temas recentes de interesse dos anarquistas. Para tanto, pesquisadores buscaram escolas libertárias ou democráticas em funcionamento para seus estudos. A Escola Livre Paidéia, em Mérida (Espanha), foi tema de Clovis N. Kassick (2004) e Antonio E. G. Sobreira (2009), entre outras escolas democráticas e anarquistas no Brasil e no mundo. A escola Summerhill teve sua análise produzida por Helena Singer (1997) e Fernando Bonfim Mariana (2008) trabalhou principalmente com o autor estadunidense Murray Bookchin (1921-2006) e as possibilidades pedagógicas da ecologia social. Merecem destaque ainda os estudos sobre as mulheres curdas em Rojava (2016), docentes e povos originários em luta em Oaxaca (BRANCO, 2021), ocupações secundaristas (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO,



2016; CATINI; MELLO, 2016) e okupas punks (RUDY, 2011; 2019; JORDANO NETO: 2020), todos dos temas contemporâneos que dialogam com a educação libertária.

Hoje em dia, a produção de novas pesquisas exige profunda reflexão por parte de educadores e pesquisadores, buscando dialogar com a experiência cotidiana do trabalho docente e dos empregos mal remunerados a que estamos submetidos, cenário bem diferente da realidade de operários do início do século XX. A onipresença da escola pública estatal na vida das crianças e jovens nos obriga a contrapor a filosofia política do anarquismo aos conceitos da educação do estado e do capital, sustentada na hierarquia, no poder e na autoridade. A construção de alternativas libertárias à educação estatal é o grande desafio dos grupos e coletivos que se dedicam a atuar inseridos no sistema público de ensino ou à margem da institucionalidade, buscando criar espaços de liberdade através de organizações e grupos de afinidade, espaços autogeridos, bibliotecas, grupos de estudos, cursos, palestras, movimentos de rua, muitas vezes com duração efêmera devido a dificuldades financeiras, organizativas e uma dose de repressão das autoridades. Exemplos recentes dessa movimentação são os extintos Coletivo Ativismo ABC e seu espaço Casa da Lagartixa Preta (Santo André) e o Espaço Ay Carmela!, espaço de agitação anarquista que existiu no centro da capital paulista. Atualmente, há uma multiplicidade de atividades anarquistas em marcha pelo Brasil, mas registraremos uma em especial, pelo seu tamanho e alcance: a Feira Anarquista de São Paulo, que é anualmente organizada pelos coletivos Centro de Cultura Social (São Paulo), Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri (Guarujá) e Biblioteca Terra Livre (São Paulo). Essas práticas formais e informais, por meio de seus diversos grupos de estudos temáticos, eventos, publicações e acervos documentais vinculam-se às raízes históricas e pedagógicas do anarquismo constituído no início do século XX (CUNHA; ROSA, 2014).

Também vale citar os trabalhos teórico-práticos do Laboratório de Educação Anarquista (COELHO, 2021), dedicado à publicação de livros ilustrados para crianças, desenvolvimento de jogos e atividades com metodologia e tema libertários que se materializa na organização do Espaço Adelino de Pinho na Feira Anarquista de São Paulo, uma maneira de inserção formativa de crianças em espaços militantes, nos moldes de outros eventos libertários internacionais (ROSA, 2015). Nos últimos dez anos também têm acontecido importantes atividades visando debater e divulgar práticas educativas e pesquisas sobre anarquismo como o Colóquio Internacional Educação Libertária: 100 anos da Escola Moderna de São Paulo (2012), as Jornadas temáticas sobre Educação Libertária ocorridas em Recife (2012, 2014, 2015, 2018), Pelotas (2016, 2017), São Paulo (2017), Curitiba (2018) e Campinas (2022), além do Colóquio Internacional Educação Libertária: 120 Anos da Escola Moderna de Barcelona (2021), e





as 3 edições do Congresso Internacional de Pesquisa sobre o Anarquismo (Buenos Aires, Montevideu e São Paulo). Por fim, há a rede de Cursinhos Livres fundados nos últimos anos em várias regiões do país e bairros das cidades, que seguem os princípios anarquistas de educação, estabelecendo-se como espaço privilegiado de atuação docente e experimentação pedagógica com jovens pré-universitários. Esses são exemplos reais de práticas de educação anarquista nos dias atuais, o que explicita que as trilhas ainda estão abertas e sendo exploradas por novas gerações de pessoas preocupadas com a emancipação intelectual dos grupos explorados e subalternizados.

### **SEMPRE HÁ SENDAS A PERCORRER...**

A profusão de pesquisas produzida nos últimos anos se tornou possível, a nosso ver, por múltiplos fatores: primeiramente pelo esforço de pesquisadoras/es e militantes que demonstram interesse em conhecer e compreender as propostas anarquistas no campo da educação; o acesso a novas fontes e arquivos, ainda mais na era da digitalização, o que tornou mais democrático o contato com documentos, manuscritos, correspondências, periódicos etc, que antes encontravam-se restritos geograficamente e sob a guarda de arquivos estatais ou de coletivos anarquistas; o interesse pelo anarquismo por parte de acadêmicos e professores vinculados às universidades em orientar dissertações e teses sobre o assunto; e, por fim, não podemos deixar de destacar a ação de grupos de pesquisa e estudos, bibliotecas anarquistas, centros de cultura e outras associações livres de pessoas que mobilizam-se para organizar palestras, encontros, congressos, colóquios, livros, revistas aglutinando interessados nas pesquisas sobre anarquismo, subsidiando-as com documentação e, também, alcançando através da prática da ação direta e do exemplo, angariar apoio às pautas dos movimentos sociais e simpatizantes para as lutas sociais e para ao ideal anarquista.

O presente artigo não pretendeu abarcar a totalidade do material produzido sobre a relação educação e anarquismo no Brasil. Tratamos de sugerir um olhar panorâmico limitado pelo tempo, espaço, acesso a outros escritos e nossas próprias possibilidades e dificuldades. Apesar da sensação de incompletude do balanço realizado, sentimos que algum caminho até aqui foi trilhado e pretendemos seguir em frente. Como observamos, a produção sobre o tema é diversa e implica em múltiplas abordagens e possibilidades interpretativas. A pesquisa sobre as escolas inspiradas em Ferrer e os ensaios biográficos de seus diretores e professores parecem ser o que há de mais interessante e necessário de se produzir no momento, buscando ampliação temática, temporal e espacial. Agora, enfim, podemos voltar os olhos para as trilhas percorridas



por muitas pessoas e grupos nessa viagem. As práticas anarquistas em educação do presente e do passado ainda estão por ser escritas e vividas por futuros educadoras/es, militantes e pesquisadoras/es. Há muitos caminhos passíveis de emergir sob os passos daqueles que se lançarem à tal aventura, com o único risco de tomar consciência do profundo significado das palavras do velho poeta:

*Ao andar se faz caminho  
e ao voltar a vista atrás  
se vê a senda que nunca  
se há de voltar a pisar*

**Cantares**, Antonio Machado

## REFERÊNCIAS

AHAGON, Vitor Augusto. **Trajetória militante de Adelino de Pinho: passos anarquistas na educação e no sindicalismo**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ALENCAR, Naara Gonçalves de. **As Escolas Modernas de Sorocaba: experiências de educação anarquista no início do século XX**. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2020.

AZEVEDO, Raquel. **A resistência anarquista: uma questão de identidade**. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BARBOSA, Daniel da Silva. **João Penteadó: docência libertária no ensino elementar (1877-1913)**. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2021.

BENEVIDES, Bruno Corrêa de Sá e. **O Anarquismo sem adjetivos: a trajetória libertária de Angelo Bandoni entre propaganda e educação**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

BRAGA, Marcos Lucas Abreu. A memória de Francisco Ferrer y Guardia na construção da identidade operária na Amazônia: a repercussão da morte e das ideias do professor espanhol entre os trabalhadores de Belém e de Manaus na década de 1910. **Revista Estudos Libertários** (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 4, n. 9, p. 168-188, 2022.

BRANCO, João Francisco Migliari. **Barricadas em tempos de desastre: autonomia e educação comunitária em Oaxaca**. Marília: Lutas Anticapital, 2021.

BRUNO, Lúcia E. N. B. **O que é Autonomia Operária**. São Paulo: Brasiliense, 1983.



BRUNO, Lúcia E. N. B. Gestão da Educação: onde procurar o democrático?. *In:* OLIVEIRA, D.A.; ROSAR, M.F.F.. (Orgs.). **Política e Gestão da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BRUNO, Lúcia E. N. B. Poder Político e Sociedade: qual sujeito, qual objeto?. *In:* FERREIRA, Eliza B.; OLIVEIRA, Dalila A. (orgs). **Crise da escola e políticas educativas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CALSAVARA, Tatiana da Silva. **Prática da educação libertária no Brasil: a experiência da Escola Moderna em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CALSAVARA, Tatiana da Silva. **A militância anarquista através das relações mantidas por João Penteado: estratégias de sobrevivência pós anos 20**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, 2012.

CAMPOS, Antonia M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio M. **Escolas de luta**. São Paulo: Veneta, 2016.

CATINI, Carolina de Roig; MELLO, Gustavo M. C. Escolas de Luta, Educação Política. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 37, n. 137, p. 1177-1202, out./dez. 2016.

CAVALHEIRO, Carlos C. **Memória Operária**. Sorocaba: Create, 2009.

CERRUTI, Isabel. **O Triunfo da Anarquia e outros escritos**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2019.

COELHO, Olívia Pires. A infância convida o Anarquismo para brincar e vice-versa: Práticas libertárias com crianças. *In:* GALLO, Sílvio; FERREIRA, Rodrigo de Almeida (Orgs.). **Educação Anarquista: explorações contemporâneas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

CUNHA, Eduardo; ROSA, Rodrigo. Bibliotecas, centros de estudos e ateneus: Cultura e educação anarquista ontem e hoje. **Educação Libertária**, São Paulo/Rio de Janeiro, n. 2, mar. 2014.

FERREIRA, V. B. **O movimento operário e a educação na imprensa sorocabana na Primeira República**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2009.

FERRER Y GUARDIA, Francisco. **A Escola Moderna: póstuma explicação e alcance do ensino racionalista**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Rubra poesia: Bruno de Menezes, anarquista, 1913-1923. **Asas da Palavra** (UNAMA), Belém, v. 10, n. 21, p. 69-77, 2006.

FORTUNATO, Marinice da Silva, **Uma experiência educacional de autogestão: A Escola Moderna n.º 1 na sua gênese**. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.



FREGONI, Olga Regina. **Educação e resistência anarquista em São Paulo**: a sobrevivência das práticas da educação libertária na Academia de Comércio Saldanha Marinho (1920-1945). Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

GALLO, Sílvio; FERRERIRA, Rodrigo de Almeida (Orgs.). **Educação Anarquista**: explorações contemporâneas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

GALLO, Silvio. **Educação Anarquista**: um paradigma para hoje. Piracicaba: Ed. Unimep, 1995a.

GALLO, Silvio. **Pedagogia do Risco**: experiências anarquistas em educação. Campinas: Papyrus, 1995b.

GALLO, Silvio. **Pedagogia libertária**: Anarquistas, anarquismos e educação. Manaus / São Paulo, Editora da UFAM/Editora Imaginário, 2007.

GERALDO, Endrica. Práticas Libertárias do Centro de Cultura Social Anarquista de São Paulo (1933-1935 e 1947-1951), **Cadernos AEL – Anarquismo e anarquistas**, IFCH, Campinas, n. 8/9, p.165-192, 1998.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **Educação e movimento operário**. São Paulo: Cortez, 1987.

GIACOMONI, Valeria. **Joan Puig Elías**. Anarquismo, pedagogía y coherencia. Barcelona: Descontrol, 2016.

GODOY, Clayton P. F.; MARCHEZIN, Lucas T.; SILVA, Rodrigo Rosa da. **A Greve Geral de 1917**: Perspectivas anarquistas. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2017.

JOMINI, Regina Célia Mazoni. **Uma educação para a solidariedade**. Campinas: Pontes, 1990.

JORDANO NETTO, Rodolpho. Os 'squats/okupas' anarquistas no Brasil: territórios de criação e vivência da cultura libertária. In: **Anais Eletrônicos do XXV Encontro Estadual de História da ANPUH-SP**, São Paulo, 2020.

KASSICK, Clovis N. **A Ex-cola Libertária**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

KNIESTEDT, Friedrich. Memórias de um imigrante anarquista. In: GERTZ, René E. **Memórias de um imigrante anarquista**. Porto Alegre: ESTEF, 1989.

LAURIS JUNIOR, Renato Luiz. **José Oiticica**: reflexões e vivências de um anarquista. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2009.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Quem foi Maria Lacerda de Moura? **Educação e Sociedade**, ano I, n.2, São Paulo, janeiro de 1979.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Outra Face do Feminismo**: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.

LENOIR, Hugues. **Educar para emancipar**. São Paulo: Imaginário; Manaus: EdUFA, 2007.



LENOIR, Hugues. **Autogestão pedagógica e educação popular: a contribuição dos anarquistas**. São Paulo: Intermezzo, 2017.

LESSA, Patrícia. **Amor e libertação em Maria Lacerda de Moura**. São Paulo: Entremares, 2020.

LEUTPRECHT, Douglas Bahr. **Educação e Anarquismo em movimento: apropriações da pedagogia racionalista no Brasil e Estados Unidos (1913-1925)**. Joinville: Ambiente Arejado Publicações, 2019.

LIPIANSKY, Edmond-Marc. **A Pedagogia Libertária**. São Paulo: Imaginário, 1999.

LOPES, Milton. A Universidade Popular: Experiência educacional anarquista no Rio de Janeiro. *In*: DEMINICIS, Rafael B.; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). **História do Anarquismo no Brasil – Volume 1**. Rio de Janeiro / Niterói: Mauad X / EdUFF, 2006.

LOPREATO, Christina da Silva Roquette. **O espírito da revolta: a greve anarquista de 1917**. São Paulo: Annablume, 2000.

LUDMILA, Aline *et al.* **Unidas nos lancemos na luta: o legado anarquista de Maria A. Soares**. São Paulo: Tenda de Livros, 2021.

LUIZETTO, Flávio. **As utopias anarquistas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MARIANA, Fernando Bonfim. **Educação e ecologia: práticas de autonomia social ou renovados discursos do poder do capital transnacional?** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MARTINS, Ana Paula. **Educação para o trabalho no contexto libertário**, Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MARTINS, Marcos Francisco (org.). **Lutas sociais em Sorocaba/SP ontem e hoje: Greve Geral de 1917, embate antifascista de 1937 e mobilizações atuais**. São Paulo: Edições Hipótese, 2018.

MAURANO, Tatiana Ranzani. **A condição feminina em Maria Lacerda de Moura**. São Paulo: Scortecci, 2020.

MENDES, Samanta Colhado. **Companheiras: mulheres anarquistas em São Paulo (1889-1930)**. São Paulo: Faísca, 2021.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal (org.). **Educação Libertária no Brasil - Acervo João Penteadó: Inventário de Fontes**. São Paulo: FAP-Unifesp/ Edusp, 2013.

MORAES, José Damiro. **A Trajetória Educacional Anarquista na Primeira República: das Escolas aos Centros de Cultura Social**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MORIYÓN, Felix Garcia (org.). **Educação Libertária**. Porto Alegre: Artmed, 1989.



MOTA, Benjamin *et al.* **Ferrer**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2021.

MOURA, Maria Lacerda de. **Ferrer, o clero romano e a educação laica**. São Paulo: s/e, 1934.

MOURA, Maria Lacerda de. **Ferrer, o clero romano e a educação laica**. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2021.

NASCIMENTO, Rogério H.Z. **Florentino de Carvalho** – Pensamento social de um anarquista. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.

OLIVEIRA, Francisco Robson Alves de. **A circulação do conhecimento pedagógico anarquista entre Brasil e Portugal (1900 a 1930)**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

OLIVEIRA, Juliana Matosinho. **Embates pela Educação**: as iniciativas libertárias de ensino e o Estado na Primeira República em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. (Trabalho de Conclusão de Curso em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

OLIVEIRA, Kaithy das Chagas. **Folhas libertárias na América Latina**: disputas pelos sentidos políticos das Escolas Populares no início do século XX, na Argentina e no Brasil. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

PARRA, Lúcia Silva. **Combates pela Liberdade**: O Movimento anarquista sob a vigilância do DEOPS-SP (1924-1945). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

PARRA, Lúcia Silva. **Leituras libertárias**: cultura anarquista na São Paulo dos anos 1930. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2017.

PERES, Fernando Antonio. **João Pentead**: o discreto transgressor de limites. São Paulo: Alameda, 2012.

PINHO, Adelino Tavares de. **Pela Educação e pelo Trabalho e outros escritos**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2012.

POLETTI, Caroline. A educação libertária no jornal anarquista a luta: da escola Eliseu Reclus às práticas de leitura e outras expressões culturais. **Semina** (UPF), v. 19, n. 3, p. 131-148, 2020.

RIBAS, Ana Claudia. **Sexualidades d'A Plebe**: Sexualidade, amor e moral nos discursos anarquistas do jornal A Plebe (1917-1951). Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

RIGHI, Daniel. **O Cine Educativo de João Pentead**: iniciativa pedagógica de um anarquista durante a Era Vargas. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.



ROCHA, Alonso. Bruno de Menezes. **Asas da Palavra** (UNAMA), Belém, v. 3, n. 2, p. 45-61, 1996.

RODRIGUES, Edgar. **Alvorada Operária**. Rio de Janeiro: Edições Mundo Livre, 1979.

RODRIGUES, Edgar. **Os Libertários: idéias e experiências anárquicas**. Petrópolis: Vozes, 1988.

RODRIGUES, Edgar. **O Anarquismo na Escola, no Teatro, na Poesia**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.

ROMANI, Carlo Maurizio. **Oreste Ristori: uma aventura anarquista**. São Paulo: Annablume, 2002.

ROSA, Rodrigo. Espaço para crianças nas feiras anarquistas – práticas de pedagogia anarquista em Firenze, Barcelona e Londres. **Revista da Biblioteca Terra Livre**, ano II, n. 3, 2015.

RUDY, Cleber. **O Anticlericalismo sob o manto da República: Tensões Sociais e Cultura Libertária no Brasil (1901–1935)**. São Paulo: Alameda, 2020.

RUDY, Cleber. Urbana subversão: a prática squatter no Brasil. **O Olho da História**. n. 17, Salvador (BA), dezembro de 2011.

RUDY, Cleber. **Nas Entranhas da(s) Cidade(s): Resistência à organização capitalista da vida urbana**. Monstro dos Mares. Ponta Grossa. 2019.

SAMIS, Alexandre. **Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil**. São Paulo: Imaginário, 2002.

SAMIS, Alexandre. **Minha pátria é o mundo inteiro: Neno Vasco, o Anarquismo e o sindicalismo revolucionário**. São Paulo: Intermezzo, 2018.

SANTOS, Luciana Eliza dos. **A trajetória anarquista do educador João Penteadó: leitura sobre educação, cultura e sociedade**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SANTOS, Luciana Eliza dos. **A educação libertária e o extraordinário: traços de uma pedagogia (r)evolucionária**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SILVA, Doris Accioly e. Anarquistas: criação cultural, invenção pedagógica. **Educação e Sociedade**, São Paulo, v. 106, 2009.

SILVA, Doris Accioly e; MARACH, Sonia Alem (orgs.). **Maurício Tragtenberg: uma vida para as Ciências Humanas**. São Paulo: Unesp, 2001.

SCHNEIDER, Nicole Angélica. **“E eu, Anarquia, que sou tua filha fiel e dedicada estou de braços abertos para receber”**: Mulheres no Movimento Anarquista do Rio Grande do



Sul (1889-1930). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022.

SILVA, Robledo Mendes da. **A Influência de Élisée Réclus na Educação Operária no Brasil:** das Ciências Naturais à Educação Integral. Dissertação (Mestrado) - Unirio, Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Rodrigo Rosa da; AHAGON, Vitor A. Adelino de Pinho: traços biográficos e o pensamento de um educador anarquista. *In:* PINHO, Adelino Tavares de. **Pela Educação e pelo Trabalho e outros escritos.** São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2012.

SILVA, Rodrigo Rosa da. **Imprimindo a Resistência:** A Imprensa Anarquista e a Repressão Política em São Paulo (1930-1945). Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SILVA, Rodrigo Rosa da. **Anarquismo, ciência e educação:** Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920). Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SILVA, Rodrigo Rosa da. João Penteadó (1877-1965): Anarquista e educador dos “filhos do povo”. *In:* MENEZES, Lis Angelis Padinha de. (Org.). **Educadores paulistas:** Histórias de vida e ações no âmbito educacional. Campinas: Editora Autores Associados, 2022.

SILVA, Rodrigo Rosa da. Francisco Ferrer y Guardia: ressonâncias de uma vida para Liberdade. *In:* MOTA, Benjamin *et al.* **Ferrer.** São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2021.

SINGER, Helena. **República de Crianças:** Sobre experiências escolares de resistência. São Paulo: Hucitec, 1997.

SOBREIRA, Antonio E. G. **Pedagogia anarquista e ensino de geografia:** conquistando cotas de liberdade. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2009.

SOLÀ, Pere. **Las escuelas racionalistas em Catalunya (1909-1939).** Barcelona: Tusquets, 1978a.

SOLÀ, Pere. **Francesc Ferrer i Guàrdia i l'Escola Moderna.** Barcelona: Curial, 1978b.

SOUZA, S. A. “El terrible anarquista” **Joseph Jubert:** por entre rastros, memórias e histórias. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade São Francisco, Itatiba, 2016.

TARDELLI FILHO, Fábio Alexandre. **A educação no jornal “o operário” (1909-1913):** uma análise das tendências educativas. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2019.

TRAGTENBERG, Maurício. Francisco Ferrer e a pedagogia libertária. **Educação & Sociedade**, ano II, n. 1, p. 17-49, set. 1978.

VALVERDE, Antonio José Romera. **Pedagogia libertaria e autodidatismo.** Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.





VARGAS, Francisco Furtado Gomes Riet. **Anarquismo e Educação em Rio Grande (1918-1927):** Educação de, para e pelos Trabalhadores. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

VÁRIOS. **Soresa Rojavayê: revolução, uma palavra feminina.** São Paulo: Biblioteca Terra Livre / Comitê de Solidariedade à Resistência Popular Curda de São Paulo, 2016.

Recebido em: 25 de setembro de 2022

Aceito em: 28 de dezembro de 2022